

NO BREAK DA MANDINGA

Patrícia Ferreira da Silva

Johnathans Silva Paiva

RESUMO

O encontro do movimento hip hop e da capoeira num processo de investigação em dança foi o tema estudado no plano de trabalho No Break da Mandinga, vinculado ao projeto Entre Danças e Andanças: cultura popular brasileira e investigação e ao Núcleo de Pesquisa e Investigação Cênica Coletivo 22, que se debruça sobre as culturas populares brasileiras para pensar os processos de criação e pedagógicos na dança. No presente artigo a capoeira e o movimento hip hop são compreendidos como manifestações de cultura popular urbana de marcada identidade negra. A relação, as aproximações e diferenças entre as duas manifestações são elementos detonadores do processo de criação em dança.

INTRODUÇÃO

A investigação de uma possibilidade de processo criativo em dança, sensibilizado pela cultura popular urbana tem como principal alicerce a dissertação de mestrado “Mandinga da Rua: a construção do corpo cênico a partir de elementos da cultura popular urbana”, defendida em 2004 no Programa de Pós-graduação em Artes da Unicamp, por Renata de Lima Silva. Nesse trabalho, já se anunciava essa possibilidade de olhar para a capoeira e o hip hop como “parentes longínquos que finalmente se encontram e passa a coabitar em um mesmo tempo-espço” (Silva, 2004 p. 41), considerando o fato de ambas as manifestações serem manifestações de origem negra e nascido da necessidade a de se criar mecanismos coletivos de identificação e resistência.

O expressivo ingresso de estudantes interessados no movimento Hip Hop no curso de Dança da UFG, fez com que esse projeto fosse retomado, afim de, estimular esses estudantes a se debruçarem na pesquisa em arte, sobretudo no que diz respeito aos processos de criação como uma possibilidade de se pensar e fazer dança a partir de referenciais técnicos, poéticos e formais oriundos da cultura africana na diáspora, como estratégia de combate ao racismo e a colonialidade de saber. Nesse sentido, vale lembrar

a importância do estudo formal da dança estar atento à diversidade cultural para que o haja um enfrentamento ao processo discriminatório que relegou as danças populares para as margens do que poderia ser considerado arte e a forte tendência de se pensar a dança contemporânea a partir de referenciais hegemônicos.

A partir desses pressupostos a organização desse estudo, desenvolvido por dois estudantes do curso de Dança, se deu primeiramente na divisão da pesquisa de campo. Enquanto Johnathans pesquisou o universo da cultura Hip Hop na cidade de Goiânia, Patrícia se dedicou ao treinamento da capoeira. Ambos se encontraram nos laboratórios de criação para confrontar no corpo as respectivas experiências.

O HIP HOP EM CENA

*Se liga nesta ideia, esta é minha introdução
passar um conhecimento com quatro pedras na mão,
posso até fala de musica com apenas um refrão,
mas falo de um amor que tenho no coração,
essa é minha cultura e faço satisfação,
O breaking eu valorizo, e incentivo os irmãos,
Que com uma lata de spray expressam suas emoções,
com um boom Box, ao lado só curtindo um tal refrão Hip Hop
ou Hip Hip Rua*

(Black Mega Break)

Em síntese o Hip Hop é um movimento cultural onde agrega quatro elementos sendo eles o Break, o Grafite, DJ, e o Mc/Rap. Em meados da década de 60-70 surge como uma manifestação Popular em Nova Iorque com influências de Jamaicano, como o disc jockey (DJ) Kool Herk, e logo depois o norte americano África Baambataa fundador da Zulu Nation que propõe que o Hip Hop se torne em função da Paz, A união, e amor entre os elementos que se estabelecem com a união dos elementos acima formando o movimento Hip Hop para que as gangues da época diminuíssem as violências transformando as em arte de viver A Rua, O break é a singularidade do corpo em movimento, é a original dança de Rua que têm-se o Locking, o Popping, e B.boy/B.girl, esses explicaremos mais adiante, também o grafite que arte do desenho expressando a realidade da sociedade nos muros, o DJ o mestre das picapes dos grandes

vinil com suas transferências de beats e de Mix (Som Batida), Mc é o mestre das grandes cerimônias das blog Party junto com o Rap Que significa (Ritmo A Poesia).

No Brasil o a inserção do Hip Hop nasceu a partir de 1976, quando veio à febre do hip hop através do soul e funk, um dos primeiros grupos idealizadores do hip hop foi formado pelo grande Nelson Triunfo, considerado o pai do funk soul no Brasil, daí em diante surgiram novos grupos fazendo com que o movimento se expandisse cada vez mais, chegando a atingir vários estados, também houve várias perseguições da polícia daquela época por aqueles que faziam esta cultura acontecer, então vários jovens negros se apropriavam mais deste estilo de vida, alguns por identificação e outros por já fazer parte do funk.

Desde os anos 70 o movimento político e cultural americano influenciavam as agitações negro-brasileiras, principalmente em São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador, onde eram comuns os bailes *black* a base soul e funk. Considerando que o rap é praticamente filho desses outros ritmos, a porta de entrada para o hip hop no Brasil já estava aberta. (SILVA, 2004 p.56)

Na cidade de Goiânia podemos citar como pioneiro do Hip Hop local figuras como Black Man e Tio Lú, segundo depoimento já na década de 1980 o Hip Hop apontava na cidade.

Tio Lú nasceu em Goiânia onde atualmente mora na Vila Santa Helena desde pequeno foi um dos fundadores do primeiro grupo de break na cidade por volta dos seus 15 anos de idade, porém o mesmo já se dedicava ao rap, no grupo “Cães de Rua”. Thaide e Nelson Triunfo que atuavam no movimento em São Paulo, teriam sido as principais referências de Tio Lú, que relata em entrevista informal que seu primeiro contato com a dança teria sido em um videoclipe em que viu fascinado um “cara” dançando *popping* e *locking*.

Tio Lú, aponta que intenção do seu rap baseia-se em uma frase do músico Sabotagem: “Rap é compromisso não é viagem”, originário de Goiânia morador da vila Santa Helena onde viveu toda sua infância, conviveu com a violência urbana encontrou como ponto de apoio o “funk de raiz americana” e mais tarde no rap e no break.

Black Man nasceu em São Domingos do Araguaia no Sul do Pará onde migrou-se para Goiânia na década de 80, conheceu o Hip Hop através do irmão mais velho que foi estudar em Imperatriz do Maranhão, por seguir as coisas que o mais velho

fazia torna-se um b.boy. Em 1984 transfere-se para Goiânia onde conhece o grupo “Cães de Rua”.

Atualmente percebe-se que o Rap em Goiânia vem se tornando cada vez mais forte ao passo *Blacks* encontram-se enfraquecidos. Apesar disso, o break persiste através da premissa que “a rua é nosso palco”.

Os grupos de dança frequentemente promovem eventos para batalhas e rodas que acontecem em alguns pontos da cidade como no DCE da Federal, CRJ, nas praças publicas, Feira da estação.

A minha experiência com o break um dos elementos da cultura Hip Hop, posso dizer que começou no dia em que eu me apaixonei pela dança, em um dia que estava de passagem em uma praça e ali me encantei com aqueles manos se quebrando todo, Passei a gostar daquela movimentação coisas que eu já vivenciava na capoeira e então tomei aquela forma de se expressar pra mim. No final de 2007, entrei no grupo Mega Break e no meio do ano de 2008 passo a integrar a New Generation, criado pelo DJ Ricood, criou a New Generation, esse grupo se tornou uma segunda família para mim. Eles me deram o apelido de “Black” porque na época eu nem queria corta minha cabeleira. Dali em diante passou a participar de eventos conhecidos como Batalhas que é onde se enfrenta mano a mano pra ver quem se sai melhor naquele dia (competição). Hoje Continuo nesta levada mas, com o pensamento distinto preocupando-me em como eu posso educar uma criança; como eu posso passar este conhecimento de maneira que não apenas na forma de competição. (depoimento pessoal de Johnathans Silva Paiva, o “Black”).

Concentrando-se um pouco mais no Break, conseguimos identificar os seguintes grupos que atualmente atuam na cidade de Goiânia: Mega Break (lago das rosa), BF Crew (crj próximo viaduto novo mundo), Break boys (praça nova esperança), Hot Spin (colégio dom Abel), Manos do break (Vila Galvão), Canedo força break (praça criativa senador canedo), New style (jardim das oliveira). E os já extintos Selvagens Electro Rock; Electro Break;; Vietnam OF Style; Fantasmas City Break; esses possuem alguns membros ainda vivos que entre um campeonato e outro aparece para prestigiar as novas gerações.

BREAK: QUE DANÇA É ESSA?

É break é uma forma de dançar que se constituiu, sobretudo no espaço da rua dos guetos nova-iorquinos com a contribuição de afro-descendentes e latinos.

As ações corporais que compunham o break refletiam, além da relação direta com o ritmo e corporeidade cultural, os corpos debilitados dos soldados que voltavam da guerra do Vietnã, denunciando simbolicamente a insatisfação com a política e a guerra. Um dos movimentos mais conhecidos do break simula as hélices de um helicóptero, instrumento de guerra muito utilizado na época. (SILVA, 2004 p.54)

O DJ Afrika Bambaataa, um dos percussores do movimento Hip Hop em Nova Iorque teria proposto as batalhas de break, como forma de amenizar as disputas e violência entre as gangues. A partir daí o break se populariza em todo mundo. Os dançarinos de break são chamados de b. boy e b. girl.

O corpo que dança o break carrega as marcas de uma expressão artística criada em um contexto social de marginalidade e violência e assume movimentos vigorosos, de auto nível técnico e de risco.

No grupo Mega Break Crew e em outras crews de Goiânia alguns b.boys que já era da velha escola ensinavam que os b.boys e b.girls devem seguir alguns princípios básicos para se manter bem nesta dança como: 1 - Mostra respeito às pessoas; 2- Aprende a história do B.Boying; 3 - Manter seus movimentos na batida; 4 - Aprende todos os fundamentos; 5 - Não faça somente flaire e headspins; 6-Sempre esteja pronto pra batalhar; 7-Sempre faça up-rock; 8-Sempre segure os freeze por pelo menos 1,5 segundos. 9 - Não roube movimentos, a menos que o inventor lhe de permissão para usar seu movimento; 10 - Sempre represente os B. Boys de forma positiva não importa o lugar onde.

A seguir descreveremos alguns movimentos codificados ou ações que fazem parte da dança do break.

- Locking: pode se dizer que seu criador foi Dom Campbell, é um estilo de dança que foi desenvolvido através do funk, o nome baseasse em congelamentos rápidos dos braços em combinação com o quadril. Os nomes de alguns fundamentos deste estilo é o Alfa que se resume da seguinte maneira uma perna é chutada para frente a partir de uma posição agachada, enquanto a parti superior

do corpo é inclinado para trás pode ser suportado por ambas as mãos ou então as mãos em tudo.

- Popping: Este estilo de dança foi criado em Fresno na Califórnia por um dançarino chamado Boogaloo Sam, suas características de passos são associadas em contração de músculo fazendo com que o dançarino consiga contrair e relaxá-los rapidamente com a música.
- Flaire: este se encontra dentro do Power Move que significa (Poder do movimento) este veio da ginástica olímpica e foi evoluído no break para complemento do b.boy/b.girl.
- Headspins: é uma movimentação que o dançarino fica com a cabeça para baixo em parada de três e começa a usar o equilíbrio para o giro de cabeça
- Up-rock: é conhecido pela sua fama de que as gangues se enfrentavam muito, e existiam dois dançarinos que dançavam funk e levaram esse passo como forma de não se tocarem fisicamente, usando apenas gestualidade de brincar como se estivessem se atacando.
- Freeze: é o congelamento de um movimento de no mínimo dois segundos de duração pode ser com os cotovelos ou uma parada de um braço só com as pernas para cima.
- Free style: a palavra significa estilo livre pode ser na Dança, No Grafite, nas Rimas improvisadas dos Mc's, ou dos DJ, se resume em improvisação, no acaso.

A CAPOEIRA RODA

A essa altura talvez a capoeira dispense maiores apresentações, pois esse jogo-dança-luta “que mãe África engravidou em Angola e pariu no Brasil verde e amarelo” é conhecido mundialmente, tendo inclusive se tornado recentemente patrimônio imaterial da humanidade. Em síntese a capoeira é uma prática corporal constituída no Brasil a partir de encontro multiétnicos e de forte contribuição africana, tendo se constituído sobre tudo no espaço urbano tendo como forte expoente a Bahia e o Rio de Janeiro.

Na cidade do Rio de Janeiro em meados do século XIX, a Guarda Real costumava prender escravos africanos que praticavam a capoeira afirmando que eles

causavam desordem na sociedade; infelizmente essa prática duraria por um longo tempo. A elite não queria que os negros ficassem nas ruas para que essa prática não se propagasse evitando assim um confronto com as autoridades, porém não conseguiram findar com a capoeira, pelo contrário, a cada dia ela ia se propagando e se tornando arma de contra ataque a elite.

Os capoeiras possivelmente eram figuras de destaque dentro da comunidade escrava na cidade, não apenas por suas habilidades marciais, mas pelas qualidades de companheirismo e liderança, que já faziam parte integrante dos modos de agir daqueles praticantes. (SOARES, 2001, p.73)

Já na Bahia, segundo depoimentos de Mestre Noronha, em seu manuscrito, em meados do século XX esteve bastante relacionada às festas tradicionais como: Festa do Cachimbo, Festa da Conceição da Praia, Festa da Padroeira Nossa Senhora, Festa de Santa Barbara, Festa de Santa Luzia – Padroeira do Pilar, Festa de Tabarouas, Festa de São João Cabrito e, a mais conhecida de todas, Festa de Nossa Senhora do Bomfim, fazendo parte da vida da vida.

Da rua a capoeira passa paulatinamente para o espaço de escolas e academias. Segundo Reis (2012, p. 81) “enquanto Pastinha insistia na origem africana da capoeira na impropriedade de sua fusão com outras lutas, Bimba reivindicava a origem baiana de luta e defendia a incorporação de movimentos corporais provenientes de outras modalidades esportivas”

Em uma entrevista de Pastinha a revista realidade 1967, ele relata que teve contato com a capoeira ainda na sua infância, pois vivia apanhando na rua de um homem mais alto e mais velho, com pena de Pastinha um velho africano que lhe convidou para lhe ensinar a capoeira, e desse ponta pé inicial surge um grande e respeitado mestre da capoeira angola e brasileira que formou vários outros mestres com grande qualidade. Mestre Pastinha também teve confrontos com a polícia da Bahia, para que houvesse respeito e compreensão com a capoeira.. (Depoimento de Pastinha à Revista Realidade, 1967: 81).

Mestre Bimba foi o primeiro responsável por levar a capoeira da rua para as academias, e assim dando a capoeira outra relação com a sociedade. Bimba quis mesclar a capoeira com outras lutas marciais, ele se interessou pelas lutas ocidentais,

modificando assim a forma de se movimentar na capoeira, tendo golpes mais altos, precisos e rápidos.

A leitura dos manuscritos do Mestre Noronha, afirma a importância que se dá a relação com os mais velhos, seja de idade ou de tempo de capoeira:

Todos aprendises da capoeira angola tem que obedecer às palavras do seu mestre, o aprendises primeiramente tem que aprender o jogo de dentro e jogo pessoal para sua defesa que é de alta necessidade é o cingite saber entrar e sair do barulho porque o barulho tem muitas oportunidade para não li prejudicial aci e os demais e amigos , não dar xanxe a polícia botar a mão porque vai pegar novos e velhos , porque policia não gosta de caporista.(sic) (COUTINHO,1993,p. 26)

Essa relação de respeito e referência com o mestre tem sido observada na pesquisa de campo realizada no projeto Águas de Meninos e no evento Ginga Menina. A atividade em campo consiste mesmo em experimentar a capoeira no próprio corpo. A seguir a descrição de alguns movimentos presentes na prática da capoeira. É importante mencionar que os nomes dos golpes, bem como os jeitos de fazer podem sofrer alterações a depender da escola.

- Meia-lua de costas: Um golpe que requer um giro no tronco, elevando a perna fazendo um semicírculo no ar.
- Aú: Movimento mais conhecido por estrela (estrelinha), de um lado para o outro se ergue as pernas apoiando as mãos no chão ficando de ponta cabeça, caindo com uma perna depois a outra, fazendo um semicírculo no ar.
- Cabeçada: Um golpe que desequilibra o parceiro, pois utiliza a cabeça como ataque, quase sempre no rumo do abdômen.
- Chapa: Golpe em que o capoeirista eleva uma perna flexionada e estende chutando o abdômen do parceiro com a planta do pé.
- Chapa de chão: Com duas mãos e um pé no chão, eleva a outra perna flexionada e estende no rumo do parceiro com a planta do pé.
- Chamadas: São momentos do jogo que algum dos camarás propõem uma pegadinha, para ver se o outro esta atento ao jogo, existem variadas chamadas como: volta ao mundo, quando os dois capoeiristas correm em circulo dentro da roda e em seguida o que chamou da à saída e ai e onde ele coloca ou não uma

brincadeirainha para o outro se esquivar, sapinho , no centro da roda o que propõe se agacha e ambos saem saltitando agachados com as mãos quase encostadas ate o capoeirista que fez a chamada da à saída, existem varias outras chamadas e alem de um teste para com parceiro que divide a roda com come ela também pode servir como descanso e retomada de fôlego.

- Esquiva: Deve ser o começo do contra golpe, quando a pessoa que recebe um golpe e ao desviar dele já vai moldando o seu golpe ai esta a esquiva. Nesse meio de ataque e defesa se encontra a concentração, percepção, atenção e em si e na pessoa que joga com você.
- Ginga: Flexão de uma perna trocando-as para trás e para frente, utilizando os braços no balanço do corpo como defesa caso surja um golpe, é a pulsão que leva o corpo a atacar e defender, é o ponto de partida, é o balanço do corpo de um lado para o outro, ritmado, corpo que quer brincar, lutar e jogar, esta bastante liga ao cotidiano modo de viver brasileiro enquanto nos expressamos, falamos e dançamos.
- Meia- Lua de Frente: Levantando a perna que esta atrás na ginga levando-a ao rumo do seu parceiro descrevendo um semicírculo de fora para dentro do ar.
- Negativa: Apoiando as duas mãos no chão do lado da perna que esta estendida, olhando sempre para o parceiro por baixo do braço do lado da perna que esta dobrada.
- Queda de Três: Na posição de cocorinha ou esquiva onde o individua enverga o corpo para trás e apoia as duas mãos no chão e deixa um pé levantado como se fosse dar uma chapa para se defender.
- Queda de Rim: Movimento que o individuo parte da posição da negativa, flexiona os braços do lado da perna que esta estendida, deixa as duas mãos paralelas e eleva as duas pernas para cima, geralmente e um movimento mais utilizado na saída de jogo.
- Rabo de Arraia: Parecida com a meia lua, porem com as duas mãos no chão, também e a perna de traz que sai no golpe e a de base no maximo esticada possível e sempre olhando para o parceiro por debaixo do braço.
- Rasteira: Golpe com as mãos apoiada no chão o individua se agacha sobre uma perna e a outra esticada descreve um semicírculo para frente procurando puxar o parceiro para baixo.

- Rolamento para Frente: Movimento que se faz girando o corpo para frente, sobre a cabeça e caindo de lado.
- Role: Movimento que o capoeirista sai da negativa geralmente, fazendo uma volta de 360° para o lado que a perna esta esticada, retornado a posição de ginga.

Existem vários outros elementos corporais da capoeira angola, e a forma que cada pessoa utiliza esse movimentos é particular, muitas vezes uma pessoa sai de um golpe e quem esta na roda acompanhando o jogo não sabe explicar como aconteceu.

A capoeira sofreu muito para se manter na sociedade brasileira, teve que fazer acordos com as autoridades, lutar com raça para que não fosse banida, bem que tentaram mais ela achou parceiros que abraçaram a causa e arregaçaram as mangas e foram atrás de seus direitos, não se envergonharam ou acanharam perante os governantes, por essa história de luta e valorização e que devemos muito aos nossos ancestrais, pois graças a eles que essa tríade de dança – luta - jogo faz parte oficialmente de nossa cultura brasileira e vem se expandindo mundo a fora, claro que ainda tem-se muito a conquistar e a agregar enquanto consciência social mais estamos caminhando e não podemos parar, pois o que interessa camará e vadiar.(depoimento Patrícia Ferreira da Silva)

O HIP HOP E A CAPOEIRA EM CENA: PROCESSO DE CRIAÇÃO “ NO BREAK DA MANDINGA”

Juntamente com a pesquisa teórica , aconteceram os laboratórios de criação onde se experimentou o diálogo através do corpo e movimento com a junção de hip hop e capoeira. Nesses encontros em forma de laboratórios os dançarinos-pesquisadores se encontravam uma vez por semana para compartilharem experiências corporais por eles vividos nas respectivas pesquisas de campo: Johnathans da Silva Paiva há 7 anos no Hip Hop e Patrícia Ferreira da Silva com 8 meses de experimentação corporal na capoeira angola. Aqui é importante pontuar que todos os envolvidos no trabalho cursaram a disciplina de Fundamentos em Danças Brasileira e fazem parte do Núcleo de Pesquisa e Investigação Cênica Coletivo 22, grupo de estudo que se dedica ao estudo das culturas populares brasileiras e suas ressonâncias no campo da arte e educação.

Os exercícios de criação foram desenvolvidos a partir de capoeira e do hip hop. Em cada encontro um pesquisado apresentava uma proposta de investigação ou dinâmica e todos pesquisavam no corpo. Tais como: realizar os movimentos do break ao som do berimbau e, também, jogar capoeira ao som das batidas do hip hop. Desta

forma, a relação entre movimento e música se configurou como dos principais elos de ligação entre as duas manifestações.

Antes de encararmos a sala de Dança e o desafio da criação como um página em branco, pronta pra ser rabiscada, tivemos um importante experiência no grupo de estudo, coordenado pela Prof. Marlina Dorneles de Lima (UFG) e também os colegas de curso de Dança Gleyde Lopes, Lucas Silva e a capoeirista e estudante do curso de Dança do IFG, Janaina Gomes. Nesses encontros, que duraram 6 meses, exercitamos propostas diferenciadas bem como a observação de como cada corpo reagia aos estímulos. Gleyde e Lucas, dançarinos de danças urbanas, traziam exercícios que abordavam tanto o break e suas variantes como também estilos denominados de House e Ragga, também de influência negra.

Por outro lado, Janaina conduzia exercícios de capoeira angola trabalhando níveis e graus de dificuldade no jogo a dois, explorando a defesa. Segundo ela “*é importante na capoeira saber se defender para não fazer feio*”.

Na abordagem de Silva (2004) a capoeira e o hip hop são postos como camaradas ou manos esses são expressões próprias do universo da capoeira e do hip hop. O primeiro elemento que a autora apresenta é a questão da malandragem, que esta bem presente no processo “*No Break da Mandinga*”.

A luta dos negros por respeito e sobrevivência na sociedade, trouxe no seu modo de viver a malandragem, que também tem ligação com a mandinga, essa protege o corpo no jogo e com ela o capoeira tem seu corpo fechado fazendo ele sempre ganhar na roda ou na rua contra os policiais, o bom negro malandro é o que possui uma esperteza diferenciada e aguçada, uma malemolência sempre ativa no corpo, “faz que vai e não vai” e artista especializado em enganar .

Além da questão da malandragem Silva (2004) também chama atenção à “violência simbólica” presente em ambas as manifestações simuladas em atitudes de ataque e enfrentamento. Tanto a capoeira quanto o hip hop tem a rua como espaço de manifestação onde reivindicam sua ancestralidade africana. A malandragem e a violência simbólica também estão presentes nesse processo de criação.

Nossa intenção sempre foi potencializar as possibilidades de movimentos que surgiam e investigar repetidas vezes, e observar como cada um lidava no corpo com elas

e para onde elas nos levavam. É após muita investigação e criatividade surgiu à coreografia “ No Break da Mandinga”, mais ela só foi possível, devido a uma grande e importante ajuda de nossa orientadora Prof. e Doutora Renata Lima, que sempre nos apoiou e estimulou a pesquisar e também por que ambos os pesquisadores estavam dispostos e atentos aos acontecimentos corporais e estímulos sonoros.

Em torno de ambas as manifestações existem uma espécie de organização social que cria uma identificação comum, tanto nos grupos de break quanto nos grupos de capoeira, em nossos laboratórios nos questionamos como se forma essa identificação e buscamos trazê-la de forma simples para cena. Imaginávamos estar em uma periferia, e lançávamos palavras que tem haver com esse ambiente como: gangues, sensualidade, molejo, esperteza, encontros nas praças que pode ser pra gingar ou dançar, conquista de território (muito forte no hip hop, pois dependendo de como as relações se dão certas pessoas não entram no setor em algum determinado lugar).

Após as experiências coordenadas pela Prof. Marlini, que orientava os estudantes Gleyde e Lucas para intervenções no ensino da Dança no contexto da escola, também a partir da relação entre o Hip Hop e a Capoeira, encaramos com mais autonomia a espaço de investigação em dança: o tempo, o espaço, o corpo e o jogo.

A relação entre ginga, golpes e ataques da capoeira com os movimentos codificados e ações do break foi um tema largamente investigado no estudo. Um ginga fragmentada como a qualidade de movimento no Break; Uma defesa de capoeira (negativa ou resistência) num ataque do Up-rock; um salto de dança de rua como saída de uma rasteira.

O primeiro estudo coreográfico de “No Break da Mandinga” foi apresentado no GT: O corpo na Capoeira no Colóquio Internacional: O AFRO CONTEMPORANEO NAS ARTES CENICAS na UNESP, campus de São Paulo, entre os dias 31 de março e 02 de abril de 2014. Esse foi um importante momento da pesquisa, os participantes do GT, fizeram comentários sobre a necessidade dos intérpretes assumirem de fato o caráter enfrentivo pretendido, chamando a atenção para o foco (olhar) mas observaram que isso se dá de maneira distinta na Capoeira Angola e no Hip Hop, sendo a primeira mais “sinuoso / manhosa” e o segundo “reto/ direto”. Uma dos participantes do grupo também relacionou a qualidade dos intérpretes com arquétipos dos orixás Ogum e Oxum, símbolos que de forma indireta passaram a alimentar o processo de criação.

Coincidentemente ou não pouco depois fizemos uma oficina de dança dos orixás e num processo a principio paralelo ao estudo “No Break da Mandinga” criamos a coreografia “Beat Money”, parceria com estudante do curso de Dança Jéssica Tavares. Nesta coreografia mesclamos elementos da dança de rua e da dança dos orixás e apresentamos na Mostra de Dança do curso de licenciatura em Dança da UFG.

Foi observado pela parte da orientação do projeto que a coreografia “Beat Money” trazia elementos importantes da pesquisa “No Break da Mandinga”, inclusive de forma muito mais espontânea, talvez pela falta de preocupação em acertar ou errar. A partir daí resolvemos fundir os dois estudos em um e finalizamos a coreografia para apresentar na Mostra SESI 2015, importante evento de divulgação da Dança da cidade de Goiânia.







No início do processo de criação foram lançadas as seguintes questões: Como a ginga da capoeira se transforma ao som do rap e vice e versa? Como se dá o jogo de ataque e defesas entre o break e a capoeira?

A ginga na batida do rap se tornou mais quebrada, e um pouco mais acelerada, o estímulo sonoro nos possibilitou descobertas na forma de gingar, possibilitou deslocamentos e desequilíbrios para as laterais e frente/traz.

O jogo de ataque e defesa foi experimentado de variadas maneiras, tanto no nível, alto, médio e baixo, com tempo acelerado e lento, e incluindo também os

tradicionais floreios da capoeira¹ e de cada dançarino. Aqui cabe comentar que os pesquisadores não viveram as mesmas coisas, cada um teve uma criação familiar, uma forma de ver o mundo e envolvimento com a dança de forma diferenciada um do outro, e são essas diferenças que torna o processo de criação mais interessante, pois ambos podem estar fazendo um mesmo ataque tanto da capoeira ou do hip hop, mais cada corpo se mostra de uma forma.

O jogo de ataque e defesa exige que se esteja atento e nunca tirar o olhar do companheiro essa relação se dá tanto na roda de capoeira, quanto na de break, e isso se deve também a malandragem de cada um, para se defender ou atacar, sempre lembrando que a intenção não é um ataque ou defesa concreto, mas simbólico.

O hip hop e a capoeira são manifestações corporais que tem muito a oferecer a quem se dispuser pesquisa-las tanto na teoria quanto na prática, são movimentos negros de luta e resistência, com elas aprendemos os sempre nos voltar aos ancestrais que abriam o caminho para que hoje possamos ter acesso a essas manifestações tão vivas e pulsantes.

¹Ato de enfeitar, florear, caprichoso, adornar, tornar bonito.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Wilbur Miranda J. *Capoeira: (re) historiando o Brasil*. 1ª edição. Goiânia, 1998.

COUTINHO, Daniel. *ABC da capoeira angola “Os manuscritos do Mestre Noronha”*. Editora CIDOCA/DF. Brasília, 1993.

D’ALVA, Roberta Estrela, *Teatro Hip-Hop: A performance poética do ator-MC*. 1. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

GUARATO, Rafael. *Dança de Rua: corpos para além do movimento Uberlândia*: EDUFU, 2008.

REIS, Letícia Vidor de Sousa. *O mundo de pernas para o ar: a capoeira no Brasil*. Editora CRV, 3ª edição. Curitiba, 2010.

Revista Mundo Estranho: Site <http://mundoestranho.abril.com.br/materia/como-surgiu-a-capoeira>, Editora Abril S.A, 2012. Acesso dia 08/04/2015 às 13h30min

Revista de Historia, 1,2 (2009), pg. 53-68: site http://www.revistahistoria.ufba.br/2009_2/a04.pdf.

SILVA, Renata de Lima. *Mandinga da rua: a construção do corpo cênico a partir de elementos da cultura popular urbana*. Dissertação de Mestrado. Unicamp. Campinas SP: 2004.

SOARES, Carlos Eugenio L. *A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro*. Editora da UNICAMP. Campinas, 2001.

YOSHINAGA, Gilberto, Nelson. *Triunfo: Do sertão ao hip-hop*. São Paulo: Shuriken Produções /LiteraRua, 2014.

REFERENCIAS DA WEB

<http://origemdascoisas.com/a-origem-do-hip-hop/> Acesso em 22 de fevereiro de 2015 às 15h00min h.

<http://djiana.blogspot.com.br/2009/06/o-1-dj-da-historia-kool-herc-kool-herc.html> Acesso em 25 de fevereiro de 2015 às 20h00minh.

<https://youtu.be/wvbaJqDDJg>. Acesso em 01 de março de 2015 às 21h0